

BOLETIM GEOGRÁFICO

INFORMAÇÕES
NOTÍCIAS
BIBLIOGRAFIA
LEGISLAÇÃO



CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA
INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA

ANO XXII

Março—Abril de 1964

N.º 179

Transcrições

Observações sobre alguns pontos de vista geográficos*

A. CHOLLEY

Fonte: *L'Information Géographique*, 12.º année,
n.º 3. Mai-Juin 1948

1.ª PARTE **

Perturbam-se geralmente os jovens estudantes quando lhes é solicitado precisar o sentido de certas expressões geográficas, modos de atividade, gêneros de vida, região, etc... A adaptação às condições naturais, a geografia, ciência da paisagem, a geografia é uma síntese, são referências que não os deixam senão na incerteza.

Tais expressões, muitas vezes, são repetidas por hábito, automaticamente, sem se cuidar de que muitas dentre elas perderam seu sentido ou, hoje estão ultrapassadas, tendo-se enriquecido ou modificado sensivelmente o seu conteúdo.

Pareceu-nos, em vista disso, que seria conveniente tecer a êsse respeito, algumas considerações, confrontando o sentido tradicional das expressões do vocabulário geográfico com aquilo que estimamos ser a realidade geográfica.

I — A realidade geográfica

O domínio das ciências físicas ou naturais é fácil de delimitar; não há hesitação. O mesmo não acontece, à primeira vista, pelo menos, no que diz respeito ao domínio da geografia. Ainda não foi esquecido o tempo em que as considerações geográficas figuravam sempre a reboque das outras disciplinas. Falava-se da geografia biológica quando era encarada a repartição das formas de vida em uma certa extensão, de geografia agrícola quando se considerava a área de ocorrência de uma cultura ou de um tipo de criação, etc... A geografia não passava, então de uma atitude do espírito em fase de objetos do conhecimento cujo estudo estava afeito às ciências objetivas ou históricas.

Cóntudo, existe realmente uma realidade geográfica, um domínio geográfico, que pode ser definido e delimitado.

Quando procuramos reduzir a realidade geográfica a seus elementos mais simples, chegamos à noção de combinação de complexo, expresso, essencialmente, por fenômenos de convergência. Certamente, não de dizer: é complexa a estrutura de toda realidade; os fenômenos estudados pela mineralogia, pela meteorologia, pela física, por qualquer ciência da natureza oferecem, todos, êsse caráter de combinações ou complexos. Qual será, pois, a originalidade da geografia? Preliminarmente, podemos dizer que as combinações estudadas por essas ciências têm estrutura menos complexa que aquelas de que cuida a geografia. Além do mais, a atitude dessas ciências é muito diversa; elas se esforçam em decompor as combinações em seus elementos mais simples, para depois, considerá-los separadamente, enquanto a geografia, por sua vez, toma a própria combinação como objeto de seu estudo, procura determinar os caracteres dessa combinação e as razões da convergência dos elementos que a compõem a repartição ou a freqüência dessa mesma combinação na superfície do globo. A consideração dos elementos que entram na combinação e nas modificações de estrutura que daí resultam não é senão relativa.

* Traduzido por L. M. C. Bernardes.

** A 2.ª parte deste trabalho será publicada no número seguinte do *Boletim Geográfico*.

Ainda há diferenças mais bem definidas. Pelo momento, fixemo-nos em duas distinções principais, deixando para nos aprofundarmos mais na questão depois de havermos precisado a estrutura e as modalidades dessas combinações.

As combinações que são objeto da geografia oferecem uma localização especial, é a primeira diferença a assinalar. O plano no qual elas se manifestam se confunde com aquêle em que entram em contacto os grandes elementos constitutivos do globo terrestre, a terra, as águas, a atmosfera; nós o designamos como superfície do globo. E é precisamente porque êsse plano de contacto existe, que tais combinações se produzem, provocando nos elementos atmosféricos, hidrológicos ou terrestres, modificações de estrutura de incontestável originalidade. Daí o forte interesse apresentado, ao mesmo tempo, por êsse plano particular e pelas combinações de que êle é o local onde se manifestam.

É conhecido o fato de como o vento que sopra na superfície do globo é diferente do vento teórico ou daquele que, através de aparelhos, pode ser observado nas camadas superiores da atmosfera. Êste vento se modifica, carregando-se de umidade no contacto com o oceano e sua temperatura se eleva ou se refresca; escalando uma escarpa do relêvo continental êle se resfria, provoca precipitações e, uma vez transposta a linha de cumeada, ao descer a encosta oposta, êle se aquece, alcançando a planície sob um céu luminoso, e uma temperatura tépida. Essas modificações sofridas pelo vento no contacto da superfície provocam verdadeiro enriquecimento de suas manifestações e, de fenômeno puramente atmosférico, êle se torna o elemento de uma combinação geográfica realizada no plano em que a atmosfera se põe em contacto com a superfície do oceano e as irregularidades do relêvo terrestre.

Há, ainda, outra maneira de desvendar o caráter geográfico de uma combinação: é verificar se ela contribui para criar, no próprio local em que se produz, um meio particular que sirva de quadro às manifestações da vida, particularmente àquelas que exprimem as atividades dos grupos humanos.

Devemos, pois, eliminar do domínio geográfico tôdas as combinações, tôdas as convergências de caráter accidental, pois a idéia de meio implica em uma noção de estabilidade, de duração ou de renovação periódica. Sem dúvida, no momento presente estão se processando múltiplas mudanças de valores nos elementos climáticos que nossos instrumentos podem perceber. Mas é somente quando essas mudanças marcam no Quaternário a alternância de períodos glaciares e interglaciares — que se realiza, verdadeiramente, um meio, ao qual se devem adaptar a vida animal ou vegetal e ao qual se devem acomodar, as sociedades humanas para organizar seu gênero de vida. Da mesma maneira, uma manifestação da atividade microbiana que tenha um caráter excepcional ou irregular pode conduzir a graves conseqüências, provocar verdadeiras catástrofes, mas não criará, verdadeiramente, um meio, a não ser que assuma um caráter estável ou periódico.

É o mesmo ponto de vista que, no domínio das criações humanas nos leva a dizer que a sucessão dos governos nos países da Europa no século XIX não teve, do ponto de vista geográfico, ressonância comparável à que assinalou a série de manifestações suscitadas pelo liberalismo econômico, pois êste criou uma atmosfera nova, um nôvo meio ao qual se adaptaram as várias combinações elaboradas nos diversos domínios da atividade humana.

Nada nos impede de pensar que certas combinações podem em dado momento, penetrar no domínio geográfico, assumir um caráter geográfico, enquanto que em outras ocasiões elas perderão êsse caráter, por não serem mais capazes de realizar um meio relativamente estável. Do mesmo modo, as combinações que só interessam a um indivíduo ou a uma categoria social não podem ter valor para a geografia. É preciso que elas interfiram com a totalidade de um grupo humano, seja qual fôr, o seu valor numérico ou a sua extensão: tribo, grupo étnico, estado, etc... As combinações de caráter geográfico respondem, assim, a medidas bem determinadas, com relação ao espaço e ao tempo: é êste duplo caráter que garante sua originalidade.

Importa, agora, mostrar o que é realmente uma combinação.

* * *

As combinações podem ser divididas em três grandes categorias: as que resultam, unicamente, da convergência de fatores físicos; aquelas, já mais complexas, que são, a um tempo, de ordem física e de ordem biológica; as mais

complicadas e por isso mesmo, mais interessantes, que resultam da interferência conjunta dos elementos físicos, dos elementos biológicos e dos elementos humanos.

São estas últimas que estudaremos de início. Elas se realizam, sempre, por ocasião do exercício de uma das atividades necessárias à vida dos grupos humanos: atividade agrícola, de criação industrial, etc... É, justamente, ao provocár essas convergências de elementos físicos, biológicos e humanos, que o grupo humano consegue resolver os duros e numerosos problemas que lhe são expostos pela vida. Já mostramos anteriormente, a propósito do sistema loreno (*Annales de Géographie*, 1946) qual era a estrutura de uma combinação agrícola; a porção do território que constitui o *terroir*, sobre o qual se exerce essa atividade agrícola, representa, na combinação, o elemento físico (solo e clima), o conjunto das plantas cultivadas, sendo condicionado pelos fatores biológicos. Tudo o mais procede, diretamente, da atividade do homem: primeiro, a aldeia, com o grupo humano que abriga, caracterizado este pelo seu valor numérico, sua estrutura social e seu nível de vida; em seguida o sistema de cultura que se assinala pela organização do *terroir* (estrutura agrária), pela escolha das culturas e de sua rotação, pelo processo de cultivo enfim, que põe em utilização toda uma técnica (sistema de atrelar, máquinas, mão-de-obra, etc.). Percebemos, pois, dessa maneira uma convergência de fatores físicos, biológicos e humanos, provocada pelo homem para obter as colheitas necessárias à sua sobrevivência.

Podem-se citar exemplos que poriam em evidência as mesmas categorias de fatores, e cujas diferenças resultariam de seus traços próprios ou de sua dosagem. O sistema da velha policultura mediterrânea com seu processo de cultivo rudimentar (arado e pequenos animais de tiro), a parte importante ocupada pela criação, a preponderância das culturas cerealíferas, revela uma combinação menos aperfeiçoada, isto é, mais próxima das condições físicas e biológicas. É uma combinação de outra ordem aquela que foi realizada no século XIX nos "países novos", para o abastecimento em trigo de uma Europa em vias de industrialização e de urbanização: cultura extensiva e mecanizada por causa da insuficiência de mão-de-obra, fraqueza dos grupos humanos, *terroirs* uniformes, afolhamentos pouco complicados ou inexistentes, estrutura social pouco diferenciada, etc...

As diversas formas de criação que podemos identificar na superfície do globo, no espaço como no tempo, correspondem, elas também, à combinação do mesmo gênero. Uma das combinações mais elementares que podemos reconhecer, isto é, onde os fatores físicos e biológicos pesam muito mais do que os fatores humanos, é aquela dos índios norte-americanos ao tempo da conquista pelos europeus, igualmente a dos antigos lapões, que, em pequenos grupos, não faziam mais que acompanhar o rebanho em seus deslocamentos. O nomadismo se apresenta como uma combinação mais aperfeiçoada, na qual encontramos, sempre, os elementos biológicos (rebanhos e pastagens) e os elementos físicos (clima da estepe e vastas extensões a percorrer), mas a parte dos fatores humanos já assumiu certa importância: assiste-se a uma verdadeira organização do *terroir* para garantir os deslocamentos e a estrutura social do grupo humano já é mais aperfeiçoada. Vê-se, mesmo, aparecer uma organização política que regula as trocas, suscita o aparecimento de cidades, pode estender-se a vastos domínios e servir de base a uma verdadeira civilização. Por sua vez, a fórmula de associação agricultura-criação, tão característica da agricultura européia, exprime uma combinação infinitamente mais rica em fatores humanos e, conseqüentemente, mais flexível e variável. É sabido que ela não se estabelece sobre as mesmas bases, em regiões de prados permanentes ou de capineiras abundantes, em regiões de *openfield*, onde a terra de cultura se confunde com a terra de criação pela intervenção do pousio, enfim, em regiões de *bocage*, onde ao contrário, o campo e os pastos são inteiramente dissociados. Foi talvez no século XIX que as combinações dos sistemas pecuários mais se diversificaram: elas trazem a marca das condições que presidiram a seu nascimento criados pelo liberalismo econômico. O abastecimento da Europa, por outro lado, acarretou a procura de outras pastagens novas para a produção de carne, leite, manteiga, lã, etc... Assistiu-se ao desenvolvimento, na Austrália, na Argentina, na América do Norte, na África do Sul, de uma nova forma de pecuária a que nos acostumamos a chamar de pecuária dos países novos. É uma forma extensiva, em relação com as grandes áreas de terras não trabalhadas e pouco habitadas, mas é também um tipo de pecuária especializada e comercializada, pois as trocas que origina estão na dependência estreita do comércio internacional e dos meios de transporte aperfeiçoados. Ao mesmo tempo que tal sistema se desenvolvia nos países novos,

onde provocava uma forma de organização da terra e desencadeava um povoamento mais importante, assistiu-se, na Europa, ao nascimento de uma nova combinação de caráter intensivo e especializado e na qual a parte dos fatores humanos se tornou mais e mais preponderante.

Cada uma dessas combinações provocou certo tipo de povoamento do solo, criou uma estrutura social mais ou menos diferenciada, determinou uma forma de organização da terra, fez, mesmo surgir focos regionais por um gênero de vida bem característico.

Contudo, são as combinações suscitadas pela atividade industrial que, evidentemente, melhor atestam a parte preponderante, por vezes exclusiva pelos fatores humanos, às custas, mesmo, dos fatores físicos ou biológicos. A indústria química é exemplo o mais significativo desse tipo de combinação. É desnecessário alinhar outros exemplos.

*
*
*

As combinações que exprimem, para nós, a realidade geográfica não correspondem a uma simples construção do espírito. Nós as percebemos em plena evolução, e podemos, mesmo, assistir a seu nascimento e seu desaparecimento, o que nos leva, evidentemente, a melhor conhecer sua estrutura e seu dinamismo. O aparecimento de formas novas de criação no mundo, no decorrer do século XIX (a criação extensiva na Europa, a pecuária extensiva dos "países novos"), já é, a esse respeito, uma indicação preciosa, mas o exemplo mais significativo talvez nos seja oferecido pela ocupação de valorização da *prairie* canadense no final da mesma centúria. É sabido que foi um fato político a vontade de consolidar a confederação nascente que levou o governo a provocar o povoamento dessas terras destinadas a servir de traço de união entre o Canadá de leste e a Colúmbia Britânica. Certamente, o problema não era de fácil solução, em face dos rigores de um clima de invernos muito longos e muito acentuados, com verões muito curtos e, com frequência excessivamente secos. Nessas planícies estepárias varridas por violentas tempestades, as únicas combinações até então realizadas tinham sido, unicamente, combinações pecuárias, aquelas que melhor se adaptavam às exigências físicas e às condições biológicas e que se acomodavam a um povoamento extremamente rarefeito e mal fixado, combinações totalmente elementares, aliás, uma vez que o homem nelas não desempenhava senão um papel quase passivo, como vimos anteriormente.

A agricultura, era, evidentemente, a forma de atividade capaz de aí implantar maior densidade de povoamento. A solução adotada revela, claramente, o mecanismo de uma combinação em vias de organização. O ponto central, sem dúvida, era encontrar uma cultura adaptada às condições climáticas, problema biológico. Após diversas tentativas e longas pesquisas, a solução foi encontrada obtendo-se por meio de hibridação (partindo de um trigo hindu e de outro da Galícia) uma espécie nova de trigo que resistiria a um tempo à seca e ao frio. A combinação estaria em condições de se realizar quando, depois de haver dividido as terras em lotes, que deveriam caber a cada família de colono (estrutura agrária), a "Canadian Pacific Railway" promoveu uma grande corrente imigratória que tinha sua origem na Europa. Desde então as colheitas se sucederam; viu-se erguerem-se celeiros e *elevators*; as cidades surgiram e com elas as trocas. Uma sociedade nova se fundava, muito diferente das sociedades puramente camponesas da Europa Ocidental, parente próxima, ao contrário daquela que, em condições análogas, se havia constituído nos Estados Unidos, quando da fase pioneira do povoamento das grandes planícies centrais. A combinação canadense, implantada toda ela em fins do século XIX, produziu, pois os efeitos de ordem econômica (criação de riquezas), social, pode-se dizer, mesmo, regional e política que dela se poderia esperar.

Em seguida às crises do trigo que se sucederam depois da Primeira Grande Guerra, sem dúvida, também, em vista das modificações provocadas pela urbanização da *prairie* e pelo desenvolvimento da atividade industrial e para remediar o povoamento insuficiente ou os inconvenientes de uma estrutura social por demais elementar, foram introduzidas transformações que provocaram a substituição da combinação inicial por outra: um sistema de policultura se desen-

volveu, mais denso, que permitiu o amortecimento do efeito das crises agrícolas e condicionou um povoamento e uma estrutura social mais estratificada e mais capaz de alcançar equilíbrio.

As combinações, portanto, nascem, evoluem, morrem. Vêmo-las conquistar o espaço: a combinação lorena, por exemplo, estendeu-se durante séculos à maior parte dos campos da metade setentrional da França, pois ela é encontrada até nas regiões do Oeste e no Périgord. Vemos as combinações se aperfeiçoarem, alcançarem pleno desenvolvimento, isto é, realizarem o máximo de povoamento compatível com sua eficácia. Aperfeiçoa-se a estrutura social, eleva-se mais ou menos o nível de vida e criam-se bens de consumo e de trocas. Depois, o sistema dá sinais de fraqueza, as crises se multiplicam, o movimento demográfico se amortece, as modificações no equilíbrio social aparecem e, finalmente, a combinação se desloca, cedendo lugar por substituição, a uma nova combinação.

A todo esse encadeamento assistimos no fim do século XIX, no que diz respeito ao sistema loreno citado anteriormente. Sem dúvida, a partida da mão-de-obra atraída pelos ofícios urbanos provocando a desorganização da estrutura social, base fundamental da combinação, deu-lhe o golpe mortal. Pequenos proprietários que permaneceram nas aldeias foram forçados a modificar seus processos de cultura (compra de máquinas para substituir a mão-de-obra deficiente), o que lhes ocasionou importantes despesas. E foi, em grande parte, para cobri-las que começaram a criar pastagens fechadas, de arame farpado, o que iria provocar o reagrupamento das terras e, ao mesmo tempo, abriria uma larga brecha no velho sistema de estrutura agrária favorecendo a orientação da economia no sentido das especulações em torno da pecuária (engorda, fabricação de manteiga e queijos). Vemos, hoje, os resultados dessa substituição que criou uma classe de médios proprietários, mais remediados, ao lado daqueles que permaneceram pequenos proprietários, ou de rendeiros ou simples assalariados; a demografia, que se havia debilitado, sensivelmente, reanimou-se e o nível de vida também se elevou. Todos esses índices nos demonstram como a combinação se modificou: adaptação, sem dúvida, tardia às condições econômicas novas do século XIX.

Evolução análoga foi estudada por M. Smotkine no vale do Cèze e nas Cevenas, onde a persistência longa demais do velho sistema de exploração produziu, pelo fim do século XIX, verdadeira catástrofe demográfica. Essa hemorragia demográfica correspondia, em suma, à eliminação do excedente populacional que o sistema secular de cultura não conseguia mais sustentar e de que não podia mais satisfazer às aspirações. Assistiu-se depois, à organização de uma nova combinação baseada sobre especialização (criação e exploração da floresta nos altos vales, horticultura e fruticulturas, viticultura nas regiões em que os vales se alargam e se abrem para as planícies). Explorações novas, reagrupando as terras, começaram a substituir os povoados em ruínas. Uma estrutura social mais diversificada se constituiu, então, em torno da classe dos proprietários médios, nitidamente em expansão.

O exercício da atividade industrial nos revelaria, igualmente, combinações organizadas pelo homem, com auxílio de elementos tomados ao meio físico (matérias-primas de origem mineral) ou ao meio biológico (matérias-primas de origem vegetal ou animal), e respondendo à fabricação da maquinaria necessária à sua ação. Contudo, é fácil perceber que a estrutura dessas combinações não é da mesma ordem que a daquelas que dizem respeito à atividade agrícola. Nesta, a parte dos elementos tomados ao domínio físico ou biológico conserva largamente a primazia. É somente naquelas combinações as mais evoluídas que a parte do homem assume, nitidamente, a preponderância (sistemas de cultivo intensivos e especializados). Nas combinações industriais ao contrário, os elementos propriamente humanos como organização do trabalho, técnica, mão-de-obra, assumem rapidamente primeiro lugar. Neste ponto de vista, duas diferenças capitais separam as combinações industriais das combinações agrícolas. Por seu dinamismo, as primeiras são susceptíveis de criar a riqueza de uma maneira maciça, geradora de poder, donde seu interesse político. Enfim, elas são independentes da tirania de um *terroir* contínuo, pois a fabricação não precisa ser estabelecida no local de produção da matéria-prima, nem tampouco, no do consumo dos produtos. Além da necessidade que se impõe, então, de organizar a ligação necessária entre os elementos de uma mesma combinação, depreende-se que a repartição dos limites de atividade responderá mais diretamente às con-

dições de mão-de-obra e da técnica (transportes, organização dos mercados), que à influência das condições materiais.

As combinações físicas são muito mais simples. Com efeito, não exprimem senão convergências elementares, interessando dois ou três fatores somente. Os grandes conjuntos morfológicos que designamos de maciços antigos, bacias sedimentares, relêvo de *cuestas*, etc... foram, mesmo considerados até o presente como a expressão da erosão (e se trata aqui, somente, da erosão das águas correntes) sobre um canevas dado pela estrutura. Na verdade, nós temos verificado, mais e mais, que a morfologia estrutural não basta para, sozinho, explicar as formas do modelado. A parte central da bacia de Paris (*Annales de Géographie*, 1943), com vertentes fossilizadas sob detritos, seus vales muitas vezes dissimétricos não se explica sem que se faça somar à influência estrutural uma morfologia climática, respondendo a sistemas de erosão postos em ação sob a influência de climas subtropicais áridos ou semi-áridos do Terciário, alternadamente temperados ou subárticos (solifluxões do quaternário) e que atuaram, cada um a seu modo sobre a base estrutural.

É sobretudo nos climas tropicais ou subpolares que essa morfologia climática se manifesta em toda sua força. A zona média de clima temperado oceânico ou continental (na Europa pelo menos) oferece, evidentemente, o espetáculo de uma morfologia que reflete mais a estrutura que as condições climáticas. Pode-se atribuir esse fato à influência do sistema de erosão pelo escoamento concentrado. Mas a razão última talvez seja encontrada nas oscilações climáticas, que tão frequentemente têm afetado essa zona intermediária, desde, pelo menos, a metade do Terciário, em consequência das modalidades diversas realizadas pelo sistema de trocas entre o ar polar e o ar tropical. Dêsse modo, uma morfologia climática não se pôde aí exprimir plenamente, nem realizar o equilíbrio ao qual corresponde a velha noção de penéplano. O contrário sucederia, com frequência nas regiões tropicais úmidas e talvez, ao que parece, nas regiões subárticas.

Pode-se ir mais longe na análise das combinações geográficas. A consideração de certos conjuntos morfológicos acaba de nos mostrar uma superposição possível de combinações: umas, de ordem elementar, com predomínio do fator estrutural, outras, mais complexas, fazendo intervir todo um grupo de fatores de erosão, dependendo principalmente do clima. O domínio da atividade humana exprime superposições de complexos mais variados ainda, verdadeiros sistemas de combinações. É o espetáculo que nos oferecem, particularmente, os países da Europa Ocidental, onde o gênero de vida não resulta de combinações simples, que exprimem um único modo de atividade (agricultura ou criação), mas atividades múltiplas se traduzindo por combinações mais ou menos mistas, isto é, a um tempo agrícolas e industriais, ou bem decorrente das atividades de trocas. Tais complexos provocam, evidentemente, densidades mais fortes, constituem tipos de *habitat* mais complicados (cidades, vilas, subúrbios), estruturas sociais, enfim, muito estratificadas e hierarquizadas. Exemplos talvez mais sugestivos podem ser encontrados no leste dos Estados Unidos, nos países do Extremo Oriente. Esses agregados de combinações estão, certamente, em relação com os grandes focos de densidade — que eles provocam, aliás — mas não seriam eles determinados, em primeiro lugar, seja por condições físicas ou naturais favoráveis, seja por condições de ordem política particularmente eficazes? Existem, sem dúvida, na superfície da terra, regiões mais favoráveis que outras às convergências físico-biológico-humanas, lugares de eleição dessas combinações. São regiões particularmente bem dotadas de recursos ou convenientemente colocadas para a expansão das trocas. Ao contrário, nas estepes ou nos desertos, regiões que nós chamamos de "regiões de repulsão", as condições não favorecem a renovação rápida das combinações e podem, mesmo, oferecer muito pouca escolha.

Contudo, a variedade das combinações, seu florescimento, sua sucessão mais ou menos rápida podem não estar unicamente em relação com as condições naturais. As condições políticas, étnicas, econômicas desempenham, neste particular, um papel não desprezível, que pode, de certo modo, corrigir as possibilidades ofertadas pela natureza. A Europa, Central e Ocidental, oferece a esse respeito, um exemplo interessante. A partilha de um território, já dividido naturalmente em um grande número de estados, pequenos mas bem organizados, contribuiu para esse enriquecimento e a essa complexidade de combinações que constitui certamente o traço mais característico desta parte da terra. Pelo menos, por falta de espaço obrigou a atividade dos grupos humanos a se organizar, por

assim dizer, em profundidade, criando uma espécie de superestrutura de atividades totalmente artificial (o caso da Bélgica nesse particular, é sintomático), realizando um povoamento denso, acumulando reservas de capitais, aperfeiçoando a técnica, meios com os quais a Europa pôde empreender no século XIX a organização de todo o mundo em seu proveito. Esses complexos são, assim, suscetíveis de engendrar o poder. São também responsáveis pela gênese e o florescimento magnífico da vida regional que nessa parte da Europa se observa há muito tempo.

Uma evolução análoga está ocorrendo na parte ocidental dos Estados Unidos. Poder-se-ia, igualmente, mostrar que existem, não somente lugares onde ocorrem combinações mais ou menos complexas, mas, também, épocas mais ou menos favoráveis que outras a seu florescimento, no curso da história de um povo ou de uma civilização.



O Serviço Central de Documentação Geográfica do Conselho Nacional de Geografia é completo, compreendendo Biblioteca, Mapoteca, Fototeca e Arquivo Corográfico, destinando-se este à guarda de documentos como sejam inéditos e artigos de jornais. Envie ao Conselho qualquer documento que possuir sobre o território brasileiro.